

A constituição de uma cooperativa e o processo identitário

Simone Dalla Barba Walckoff Calil
Heloisa Szymasnski

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo, SP, Brasil*

RESUMO

O problema investigado nesta pesquisa intervenção em Psicologia da Educação diz respeito à experiência de mulheres de uma comunidade de baixa renda da cidade de São Paulo em uma cooperativa de costura e a implicação desta experiência no processo identitário. Ao longo de um ano foram realizados encontros semanais com as cooperadas nos quais discutimos temas, escolhidos por elas, sobre suas experiências na cooperativa. Durante este estudo fenomenológico foi possível perceber que, juntamente com os problemas de mercado, de capacitação profissional, de falta de recursos, entre outros que envolvem a cooperativa, há, nesta cooperativa em particular, uma outra questão fundamental: essas mulheres constituíram sua identidade na subalternidade. Assim, apesar de não serem mais babás ou empregadas domésticas, constituir-se como pessoas mais autônomas aparece como o grande impasse vivido por elas.

Palavras-chave: Identidade; cooperativismo; Hannah Arendt.

ABSTRACT

The formation of a cooperative and the process of identity-building

This research work investigates the experiences of women from a low-income area in the city of Sao Paulo who work in a sewing co-operative, and how these experiences influence the process of identity-building. Over the course of one year, we carried out weekly meetings with members of the sewing co-operative in which we discussed topics suggested by them about their experiences in the co-operative. Throughout this phenomenological study, we were able to identify problems regarding the market place, professional training, funding, among others which affect the co-operative. However, we also identified in this particular co-operative a crucial issue: that its members have built their identities on the basis of their subalternity. Therefore, even though they no longer work as maids or baby-sitters, they still face serious obstacles in their quest to become more independent.

Keywords: Identity; cooperativism; Hannah Arendt.

RESUMEN

Constitución de una cooperativa y su proceso identitario

El problema, objeto de esta investigación en intervención en Psicología de la Educación, se refiere a la experiencia de las mujeres de una comunidad de bajos ingresos en la ciudad de São Paulo en una cooperativa de costura y, el impacto de dicha experiencia en sus procesos identitarios. Durante un año fueron realizados encuentros semanales con las mujeres asociadas a la cooperativa en los cuales se discutieron temas (por ellas seleccionados) sobre sus experiencias en la cooperativa. Este estudio fenomenológico mostró que, además de problemas de mercado, falta de capacitación y, falta de recursos, todos ellos propios de la cooperativa, ésta cooperativa presenta una cuestión fundamental: las propias mujeres constituyeron su identidad en la subalternidad. Así, aunque ya no sean niñeras o empleadas del servicio doméstico, la construcción de una mayor autonomía personal parece la situación más difícil de superar para ellas.

Palabras clave: Identidad; cooperativismo; Hannah Arendt.

INTRODUÇÃO

A pesquisa relatada neste artigo investigou a experiência de mulheres de uma comunidade de baixa renda da cidade de São Paulo em uma cooperativa de costura e a implicação desta experiência no processo identitário. Ao longo deste estudo a constituição identitária no contexto da pobreza, o cooperativismo e a reflexão apareceram como dimensões relevantes para a compreensão do problema. A seguir, discutiremos brevemente tais questões. Depois abordaremos o olhar fenomenológico da pesquisa e os procedimentos utilizados para, finalmente, relatarmos a compreensão feita a partir dos desvelamentos que ocorreram durante este estudo.

O CONTEXTO DA POBREZA, O PROCESSO IDENTITÁRIO, O COOPERATIVISMO E A REFLEXÃO

Podemos dizer que a pobreza convoca os que por ela são atingidos a modos de ser. Freire (1975) nos auxilia a pensar sobre algumas dessas formas de ser na pobreza. Segundo o autor, na pobreza, e na desigualdade social decorrente dela, está contida uma mensagem velada, de que alguns merecem mais do mundo do que outros. Diante disso, aqueles que ocupam o lugar de cidadãos de “segunda classe” (ver Cortella, 2000), podem, entre inúmeras possibilidades, tanto introjetar essa desvalorização, constituindo-se sob a crença de que são seres humanos de menor valor e aceitando o lugar de subalternos que acreditam lhes caber, como ainda procurarem ser, de alguma forma, semelhantes àqueles que ocupam lugares privilegiados na escala social. Em ambos os casos respondem acriticamente às convocações que ela lhes faz, seja acatando o lugar de subalternos ou ocupando, por vezes ferozmente, o lugar daqueles sob os quais estão a serviço.

Entretanto, como dizia Fernando Pessoa (1980, p. 80) “Sou-me”. Assim, ao nascer, o ser humano homem tem infinitas possibilidades de ser, mas, como ser que é no mundo, encontra-o já compreendido, cheio de significados produzidos pela humanidade ao longo do tempo. Segundo Heidegger (2001), essa compreensão solicita-lhe a todo o momento a assumir uma forma de habitar o mundo. A natureza das solicitações fará com que algumas possibilidades sejam aceitas e outras negadas, o que significa que o homem nasce em um mundo e este o constituirá, fará parte dele, mas não o determinará. Não o determinará porque, apesar de as pessoas nascerem em um mundo atravessado por uma inteligibilidade e vivê-lo a partir dela, essa compreensão não é fixa, embora possa

parecer e ser vivida como tal. O mundo que habitam e que as constitui é também por elas constituído constantemente; assim, o sentido da sua existência e da existência do mundo é estabelecido a partir da relação das pessoas com ele (a cultura, os conhecimentos, os sentimentos, a racionalidade). Portanto, o ser humano não está predeterminado, não está finalizado, constitui-se na relação com o mundo constantemente, é um constante “vir-a-ser”. Compreender o homem dessa forma leva-nos a compreender também o processo identitário como um horizonte de possibilidades.

Diante de tal compreensão é possível responder às convocações do contexto da pobreza de outras maneiras, que não somente habitando as possibilidades de ser já postas, procurando outras possibilidades de constituir-se em tal contexto. Nesse sentido, o cooperativismo pode ser uma mediação para outras formas de ser.

Retomando brevemente a história do cooperativismo e alguns de seus fundamentos, verificamos que o cooperativismo abordado nessa pesquisa, fundado na solidariedade, surge no Brasil no final da década de oitenta, apontando para novas direções em conjunto com a Economia Solidária. Paul Singer (2004) pontua que a metade dos anos noventa é impulsionada pela organização de trabalhadores que buscavam alternativas para o desemprego. Dentro deste contexto estão também o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e a criação das incubadoras de cooperativas pelas universidades. Enfim, nessas décadas de oitenta e noventa, as classes populares passam a se organizar buscando formas solidárias para a sobrevivência.

Compreendendo solidariedade segundo Lalande (1967), como “Dependência recíproca; caráter de união de seres ou de coisas, de tal forma, que aquilo que sucede a um deles repercute no outro ou nos outros”. Ainda a esse respeito Carbonari, diz que ser solidário “(...) é compartilhar o exercício paciente e permanente de construção de novas relações que sejam capazes de colocar o ser humano como fim, nunca como meio” (Carbonari, 1999, p. 4).

O agir solidário inclui práticas como: cooperação, participação, busca de realização de objetivos comuns, liberdade, descentralização do poder; democracia, entre outras. Estas práticas podem ser mediadoras de uma outra forma de olhar para o mundo, para os outros e para si e uma nova maneira de posicionar-se.

Porém, é importante lembrarmos que a pessoa solidária o é em relação a um outro, em um lugar e em um espaço. A solidariedade está, portanto, vinculada à realidade concreta. Sendo concreta, a relação solidária nas classes populares não é ideal, sublime, mas sim a relação de pessoas com outras pessoas no mundo, possuindo suas contradições, impasses e dificuldades.

Singer coloca que a escolha dos trabalhadores pelos princípios da economia solidária não é natural nem ideal:

Seria um erro supor que a economia solidária é a única opção de sobrevivência das camadas populares mais pobres e excluídas das classes trabalhadoras. Não é verdade que a pobreza e a exclusão tornam suas vítimas imaneamente solidárias. O que se observa é que há muita solidariedade entre os mais pobres e que a ajuda mútua é essencial à sobrevivência. Mas esta solidariedade se limita aos mais próximos, com os quais a pessoa pobre se identifica. A mesma pessoa que se mostra solidária com parentes e vizinhos disputa com unhas e dentes qualquer oportunidade de ganho contra outras, que lhe são ‘estranhas’. E muitos deles aceitam e internalizam os valores do individualismo que fundamentam a instituição do capitalismo (Singer, 2000, p. 15).

Ainda assim, o cooperativismo, ao apresentar outras formas de se relacionar com o trabalho, com o poder, com os outros, indica outras maneiras de habitar o mundo e, assim, pode possibilitar o desgelamento (Arendt, 2002) de crenças que antes eram consideradas eternas.

A respeito do conceito de desgelamento citado acima trazido por Arendt (2002) a autora explica que pensamos através de grandes conceitos, no seguinte sentido:

A casa em si e por si, *auto kath' auto*, que nos faz usar a palavra casa para todos os edifícios particulares e muito diferentes entre si, nunca é vista, seja pelos olhos do corpo, seja pelos olhos do espírito. Toda casa imaginada, por mais abstrata que seja e por mínimos que sejam seus traços que a tornam reconhecível já é uma casa em particular (Arendt, 2002, p. 129).

Isso não quer dizer que há dois mundos, como na teoria platônica, e que o pensamento estaria no plano do mundo das idéias, o mundo verdadeiro. É a experiência no mundo que possibilita a reflexão, é somente através dele que o ser humano é capaz de constituir essa compreensão das coisas, dos outros, enfim do mundo que o permite pensar. O pensamento é apenas uma das condições humanas, que permite ao homem refletir sobre essas generalizações constituídas na relação dele com o mundo. Mas pensar não é apenas trazer presentes esses grandes “conceitos”, mas refletir sobre eles. Ainda acerca do exemplo da, segundo Arendt,

“Essa outra casa, invisível, da qual já precisamos ter uma noção para reconhecer edifícios particulares como casas (...) é como um pensamento congelado que o ato de pensar tem que descongelar” (2002, p. 129).

Poderíamos nos colocar questões como qual o sentido de casa para nós, e poderíamos talvez provocar deste modo, uma abertura na compreensão do que é casa, lar, o ato de habitar, entre outras. A autora afirma que:

(...) pensar e estar completamente vivo são a mesma coisa, e isto implica que o pensamento tem sempre que começar de novo; é uma atividade que acompanha a vida e tem a ver com os conceitos como justiça, felicidade e virtude, que nos são oferecidos pela própria linguagem, expressando o significado de tudo que acontece na vida e nos ocorre enquanto estamos vivos (Arendt, 2002, p. 134).

Depois das considerações feitas até aqui, podemos dizer que o pensar rompe com a experiência automática, mecânica da vida. Ao se colocar em questão compreensões do senso comum, coloca-se em questão também os fazeres que estejam atrelados a eles.

Assim, a vida pode não ser mais vivida como uma linha contínua. Há uma outra forma de se localizar em relação ao tempo, que não é mais mergulhada no automatismo do cotidiano. O ego pensante se insere nessa linha do tempo, se interpõe entre o passado e o futuro. Sendo capaz de perceber que a história aponta para o que foi, mas que não é mais e o futuro aponta para o que ainda não é. Segundo Arendt:

Nessa lacuna entre o passado e o futuro, encontramos o nosso lugar no tempo quando pensamos, isto é, quando estamos distantes o suficiente do passado e do futuro. Estamos aí em posição de descobrir o seu significado, de assumir o lugar de ‘árbitro’ das múltiplas e incessantes ocupações da existência humana no mundo, do juiz que nunca encontra uma solução definitiva para esses enigmas, mas respostas sempre novas à pergunta que está realmente em questão (2002, p. 158).

É no sentido destas novas respostas para as questões que se apresentam que o pensamento é visto por Arendt como desgelamento, que propicia o desvelamento de outros modos de ser. O contrário, o mergulho na irreflexão, convoca para a vivência de forma mecânica, permitindo que se instaurem concepções como a naturalização do estado da pobreza, da desigualdade, do estado de tornar-se um ser humano de menor valor, entre outros. Diante dessa automatização, o processo

identitário pode ser vivido como algo mágico (no sentido de uma sensação dos indivíduos de que o que acontece em suas vidas não tem autoria, como se fossem passivamente atingidas pela vida) e, assim, o futuro perde a força, como também perdem o sentido as ações feitas na direção de alterá-lo.

A experiência de participação nessa cooperativa analisada neste estudo pareceu romper com a automatização em vários momentos, propiciando reflexões e ações na direção de outras possibilidades de ser, além das já experimentadas.

METODOLOGIA

O ser humano nasce em um mundo já compreendido e se relaciona com ele a partir dessa inteligibilidade. Sendo a produção de conhecimento uma das formas de relação que as pessoas estabelecem com o mundo, ela também é atravessada por essa racionalidade. Assim, o fenômeno, em uma relação epistemológica, nunca é apenas coisa (coisa-em-si), mas a coisa vista por uma determinada pessoa e, portanto, a partir de certa perspectiva. Tal fato não significa ser o fenômeno um reflexo da subjetividade humana, mas desvelado pelo ser humano e tal desvelamento é feito dentro de certas possibilidades históricas, sociais, físicas, psicológicas, entre outras, o que faz com que, em uma relação epistemológica, ao mesmo tempo em que o fenômeno se revela, também se oculta.

Tendo isso em vista, o método fenomenológico que embasa este estudo busca constantemente deixar em suspenso os saberes estabelecidos a respeito do fenômeno, para fazer um movimento em direção a ele, procurando, assim, ampliar suas possibilidades de descoberta. É a redução fenomenológica proposta por Husserl e aqui aclarada por Merleau-Ponty. “A redução põe entre parênteses as relações espontâneas da consciência com o mundo [...]” (1990, p. 158).

A busca por um instrumento que caminhe nessa direção justifica a escolha pela Entrevista Reflexiva, elaborada por Szymanski (2002), e os encontros reflexivos semanais, ambos fundamentados na relação dialógica, segundo Paulo Freire.

Procedimento

As participantes da pesquisa foram dezoito mulheres moradoras de um bairro da periferia do município de São Paulo, que fazem parte de uma cooperativa de costura da comunidade.

A pesquisa surgiu do interesse das cooperadas, manifestada ao líder comunitário, em criar um espaço de diálogo a respeito dos problemas que ocorriam na cooperativa, parecido com o que já era realizado em

uma creche da comunidade pelo grupo de pesquisa no qual esta investigação está incluída. Assim, a pesquisa interventiva realizada surge a partir de um pedido das cooperadas.

Após a explicitação dos objetivos da pesquisa, do modo como seria conduzida e do acordo que os resultados seriam lidos e validados por elas antes de serem comunicados, foi assinado um termo de consentimento de participação na pesquisa.

Foram realizados cinquenta e três encontros com as cooperadas entre abril de 2003 e outubro de 2004. Nesses encontros semanais, dialogávamos sobre temas escolhidos por elas vinculados às suas experiências na cooperativa. Além do diálogo a respeito dos temas escolhidos, a cada encontro havia a retomada do encontro anterior e era feita uma devolutiva do que foi compreendido pelas pesquisadoras a partir das falas, reflexões e encaminhamentos feitos. Essa devolutiva tinha como objetivo não só propiciar ao pesquisador ampliar, aprofundar e reformular sua compreensão, como também possibilitar às cooperadas que corrigissem alguma conclusão equivocada das pesquisadoras; desejávamos também que ampliassem, aprofundassem ou reformulassem o que entenderam a respeito do tema discutido.

Foi realizada, também, uma entrevista reflexiva coletiva e sua devolutiva (Szymanski, 2002), em que procuramos aprofundar questões observadas ao longo dos encontros e que pareceram relevantes para a investigação. Os encontros eram descritos semanalmente e as entrevistas, gravadas e transcritas.

A partir dos relatos dos encontros, das observações realizadas, das transcrições da entrevista e de sua devolutiva, procedeu-se a leituras atentas a fim de compreender os significados existentes que foram agrupados, formando categorias. Enfim, foi feita uma síntese das categorias e suas relações, procurando-se compreender qual o seu sentido, ou seja, para qual direção indicavam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como afirma Singer e Souza (2000), nem sempre a escolha pela participação em uma cooperativa é pautada na reflexão sobre a forma como se habita o mundo e na busca pela constituição coletiva de uma outra maneira de fazê-lo.

A esse respeito, podemos observar que, no início, as cooperadas entraram na cooperativa sem clareza do que era, buscando simplesmente aprender um ofício (a costura) ou um trabalho remunerado, ou seja, não foi feita uma escolha pelo cooperativismo, mas sim pela busca de meios para a sobrevivência.

Esse fato nos ajuda a compreender quão difícil foi para elas entender a cooperativa como uma outra forma de se relacionar com o trabalho e todas as exigências decorrentes disso. A fala abaixo descreve essa experiência:

“Eu, quando comecei, eu não entendia porque, ‘meu Deus’, que alguém fica trabalhando até 30 dias pra não receber nada. Não é pra mim, eu pensava. Depois que teve reunião e mais reunião é que fui mudando minha cabeça. Que a gente tem que entender que a gente tem que batalhar pra gente adquirir. Mas, antes disso, não entrava na minha cabeça. Foi complicado. Porque, desde que eu trabalhei, eu estava acostumada que eu trabalhei e que na mesma data que eu entrei eu ia receber pelo que eu fiz.” (comunicação pessoal da participante da pesquisa A., 2004).

No entanto, ao mesmo tempo que essa forma inesperada de trabalho era difícil de “entrar na cabeça” (*sic*), apresentou-lhes boas surpresas, por exemplo, a possibilidade de o trabalho ser vivido como algo bom: *“É bom saber que a gente sabe fazer mais coisas do que limpar a casa.”* (comunicação pessoal da participante da pesquisa E., 2004). *“Estou descobrindo que eu posso estar fazendo coisas que eu gosto.”* (comunicação pessoal da participante da pesquisa L., 2004). *“Eu trabalhei sete anos fazendo a mesma coisa. Só lavando louça, só passando pano no chão, lavando banheiro, e aqui não. Você chega, senta, respira, é bem melhor. E aprende coisas diferentes.”* (comunicação pessoal da participante da pesquisa, A., 2004).

Entretanto, a principal descoberta feita no início da cooperativa diz respeito à convivência, ao ser-com-os-outros (Heidegger, 1981). Sobre isso é importante lembrar que as experiências das relações com as pessoas nos trabalhos anteriores e até mesmo na cooperativa eram, em geral, geradoras de muito sofrimento, conforme relataram: *“Ah, uma coisa que a gente é mandada o dia inteiro, entendeu? É humilhada”* (comunicação pessoal da participante da pesquisa V., 2004).

Contudo, depois que passaram a participar de fato da cooperativa descobriram com espanto que *“então, eu não preciso obedecer?”* (*sic*), mas, além disso, que ela poderia ser um lugar que propiciaria algo novo, ou seja, seria o estabelecimento de relações horizontais, respeitadas no trabalho. Na cooperativa não havia espaço, ou não havia espaço apenas para o controle e a dominação, mas também para o respeito à liberdade.

Foi uma experiência vivida com grande vigor e entusiasmo no início, como pudemos observar em várias

falas: *“Eu também, porque quando a gente trabalha fora a gente é mandado, a gente não é respeitado e aqui dentro não”* (comunicação pessoal da participante da pesquisa E., 2004).

Livre, né? Aqui as pessoas te dão conselho. Diz “não, não faz assim”, mas isso a pessoa quer é o bem da gente. Não é ficar mandando. Faço minha roupa aqui daí vem a Dona Aritana ou a Dona Mariposa e fala “oh Paula, não faz assim, é desse jeito”. Na verdade não tá mandando. É bom demais assim. (comunicação pessoal da participante da pesquisa B., 2004)

Dessa forma, abre-se uma nova possibilidade de ser-no-mundo-com-os-outros, diferente do que vinha sendo experimentado por elas até então. Não é mais uma relação entre quem possui o poder e aqueles que o obedecem, conforme a relação de opressão descrita por Freire (1975). As possibilidades dessa convivência respeitosa passou a lhes apresentar a cooperativa como um espaço que propiciava o aparecimento da amizade, que as retirava da solidão na qual se encontravam, que mediava superações de dificuldades como medos, falta de controle de si e, até mesmo, de depressão.

No entanto, tudo isso só foi possível em razão de a cooperativa ser um lugar onde eram vistas e ouvidas, no qual apareciam, tendo, assim, sua existência testemunhada, pois, como lembra Arendt: *“Nada nem ninguém existe neste mundo cujo próprio ser não pressuponha um espectador. [...] Ser e Aparecer coincidem”* (2002, p. 17). Essa experiência é apontada diversas vezes em suas falas: *“Ah, porque a gente conheceu pessoas que a gente não imaginava. Vocês, o pessoal da PUC, ter reunião com a gente, né? Então, a gente não imaginava que a gente fosse assim importante, né?”* (comunicação pessoal da participante da pesquisa Ar., 2004).

“Eu mesma mudei bastante. Agora eu vou de casa pro meu trabalho. Até que não ganhe nada, mas já é alguma coisa. É isso que eu sinto. Primeiro era assim, lá em casa. Eu pensava ‘ah, ninguém me enxerga’. Me sentia muito, assim, sozinha. Eu não conversava muito, não tinha muita amizade. Então, pra mim, é muito importante. Eu tô achando ótimo mesmo estar aqui. É isso.” (comunicação pessoal da participante da pesquisa Ad., 2004, grifos colocados pelas pesquisadoras).

Como essa experiência de “aparecer” foi se fazendo presente, pudemos verificar que ela aconteceu aos poucos. Primeiro, as cooperadas passaram a ocupar um

lugar que reunia muitas pessoas, diferente do trabalho feito a sós, como faxineira ou dona de casa, por exemplo. Entretanto, mesmo estando na companhia de outras cooperadas, no início a cooperativa era vivida de forma absolutamente solitária, seja por causa das regras estabelecidas (como a de não conversar), ou pela própria natureza da função executada. Então, em um determinado momento, começaram a ocorrer os nossos encontros, que se constituíram em um espaço no qual elas podiam falar sobre suas experiências, ouvir e ser ouvidas, compartilhando dores, dúvidas e decisões em relação à condição de cooperadas que tinham aceitado, mas que desconheciam. Nesse momento, elas saíram da obscuridade na qual se encontravam nos meses anteriores. Passaram a compartilhar, durante um certo período, a luta por uma mesma causa, que era a de democratização da cooperativa, a procura por uma forma não-autoritária de gestão. Apareceram com todo o seu vigor, e esse aparecer, como já foi mencionado, foi experimentado com muita felicidade.

No entanto, a explicitação de que existiam dirige-se também à responsabilidade em relação a essa existência. Apropriar-se da inevitável tarefa de cuidar do seu ser revelou-se como a questão fundamental ao longo da pesquisa.

O primeiro grande embate ocorreu, ao que parece, quando perceberam que suas colegas estavam saindo da cooperativa e aceitando outros empregos (os mesmos que diziam lhes trazer sofrimento), pela necessidade da sobrevivência. A cooperativa ainda não era capaz de garantir seu sustento, embora fosse prazeroso fazer parte dela; portanto, era preciso viabilizá-la financeiramente, e não havia mais chefe nenhum para lhes dizer como fazer tal coisa, ou seja, tinham que chefiar elas mesmas.

Assim, depararam-se, pela primeira vez, com a difícil questão que enfrenta aquele que é para-si e não para-o-outro, que é o de escolher por si mesmo, e não simplesmente escolher a escolha do outro.

Voltando ao que Freire (2003) traz a respeito da questão da vida do oprimido, essas mulheres aprenderam a vida inteira a ser subalternas. Na cooperativa, saborearam algo diferente, em que não era preciso se submeter ao outro, nem submeter o outro para aparecer. O modo subalterno de ser foi suspenso por algum tempo, para dar lugar a um processo identitário que buscava uma forma de ser mais autônoma, e que, após ser experimentada, passou a ser desejada. Entretanto, sua convocação não tinha ainda a força da experiência da subalternidade na qual viveram durante tanto tempo. Assim, em muitos momentos, elas sucumbiam à convocação da história já sedimentada e voltavam a

repor a identidade já dada, a viver como se estivessem realizando uma essência subalterna.

Essa postura ficou muito explícita quando, na busca pela viabilização financeira da cooperativa, depararam-se com a necessidade de sair da comunidade, fazer coisas que nunca tinham feito (planejamento da cooperativa, cursos, busca de trabalho) e, concomitantemente, apresentaram-se a elas, de forma sedutora, os “trabalhos de fora”, de grandes oficinas de costura, que pagavam muito mal, mas que não exigiam esse tipo de atitude. Elas precisavam apenas cumprir o que era exigido pelo trabalho, executar solitariamente uma tarefa já definida repetidas vezes. As peças eram dadas a elas cortadas necessitando apenas que fossem costuradas em lugar predeterminado.

Enfim, era o conforto do lugar já conhecido, sem angústia diante do cuidado com a cooperativa e do cuidado com elas mesmas, visto que este era definido por aquele que trazia e definia o trabalho, bem como o lucro, o ritmo. Elas encontraram um chefe que não estava personificado e, dessa forma, reduziram a cooperativa em um espaço no qual se executava o labor exaustivamente e voltavam à obscuridade.

Viviam uma dualidade, pois, ao mesmo tempo em que ficaram encantadas com a experiência de aparecer, com a maior autonomia que viveram, o salto para algo novo as amedrontava. Segundo Freire: “Querem ser, mas temem ser. Sua luta se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não o opressor de ‘dentro’ de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre serem espectadores ou atores” (2001, p. 35).

Assim, parece que descobriram que ser livre não é um lugar no qual se chega, que “a liberdade, que é uma conquista [...], exige uma permanente busca” (Freire, 2001, p. 34). Então, apesar da luta inicial para democratizar a cooperativa e do prazer que sentiram ao fazê-lo, isso não solucionou sua vida. Era necessário se fazer livre eternamente, ou seja, constituí-la constantemente e, ao que parece, elas não estavam “dispostas” a fazê-lo naquele momento.

Essa “não disposição”, no entanto, era justificada pela necessidade de sobrevivência. Assim, sempre que questionávamos, em nossos encontros, a escolha por trabalhar apenas com atravessadores que pagavam muito pouco e exigiam tanto trabalho, a resposta era a sobrevivência. No entanto, esse argumento de abrir mão de uma forma de ser mais autônoma por causa da necessidade podia ser facilmente desmontado. Em primeiro lugar, pelo “serviço de fora” não possibilitar a cada uma delas um lucro mensal maior do que cerca de dez a quarenta reais, o que não permite que ninguém sobreviva. Ademais, não estávamos questionando o

feitio das encomendas, mas sim que, fora isso, tentassem criar um meio de vender diretamente seus próprios produtos, uma vez que tinham qualificação profissional e material (tecidos, linhas, máquinas e passagens). Tinham também informações acerca da existência de espaços como as feiras solidárias, lojas que compravam somente de cooperativa, ou mesmo lojas e feiras que não faziam parte do mercado solidário, mas que eram possibilidades um caminho para inserirem seu produto no mercado, sem que precisassem dos atravessadores. O segundo fator que desmontava esse argumento foi quando um cliente pediu uma avaliação da possível encomenda de fabricação de bolsas. Caso aceitassem, lucrariam muito mais; contudo, precisariam fazer um protótipo, segundo as dimensões dadas pelo cliente, para sua apreciação e calcular o custo das bolsas. Essa encomenda seria muito mais rentável do que quaisquer outros trabalhos já realizados; porém, após um longo processo de discussão, mesmo precisando do dinheiro para sobreviver, não aceitaram.

A esse respeito, a devolutiva dá-nos elementos para compreender melhor esta “falta de disposição” para a liberdade, ou seja, a escolha que fazem, não só por não executar o feitio da bolsa, como também pela reposição da subalternidade e, automaticamente, de uma existência na obscuridade.

Na devolutiva, questionamos o comprometimento das cooperadas com a cooperativa. A esse respeito, é importantíssimo lembrar que as mulheres dessa cooperativa estão lá há mais de um ano sem receber em média mais do que vinte reais por mês, o que significa que elas acordam todos os dias (ou a maioria deles, já que a questão da falta é um dos problemas da cooperativa) e vão trabalhar em um lugar que não lhes garante o sustento. Mesmo assim, escolhem estar lá, ou seja, sem dúvida estão comprometidas, à sua maneira, com a cooperativa. No entanto, quando questionamos a respeito do comprometimento, estamos referindo-nos a ele como algo diferente do estar ali. O comprometimento do qual falávamos exige a presença da crença das possibilidades da cooperativa e para si mesmas. Sem tal crença, o envolvimento no sentido de ações em direção à responsabilização com a cooperativa é algo muito frágil.

Conforme Arendt: “[...] Somente quando o quero e o posso coincidem a liberdade se consoma” (2000, p. 208). Desse modo a questão do poder é fundamental para que a vontade se dirija para a ação. Isso porque “O poder da vontade reside em sua decisão soberana de interessar-se somente pelas coisas que estão em poder do homem; [...] Logo, a primeira decisão da vontade é não querer o que não pode obter” (Arendt, 2002, p. 244). Voltando à devolutiva, ao responderem

ao questionamento a respeito do comprometimento, elas revelaram alguns aspectos importantes. Um deles aparece quando descrevemos o movimento da tentativa do feitio da bolsa. Observamos que o não-cumprimento dessa tarefa foi vivido como uma fatalidade decorrente dos problemas que emergiram, o que é explicitado em várias falas, como nas seguintes:

“Como ela faz esse trabalho, nós, a maioria não sabe. Tem algumas coisas que a D. também sabe fazer, então foi discutido. ‘Ah, mas se a gente não sabe o preço, que preço a gente vai dar?’ E surgiram várias questões.” (comunicação pessoal da participante da pesquisa B., 2004).

“Eu falei o seguinte, eu posso até estar ensinando as meninas a fazer, só preciso de material. Eu não tenho as coisas, o que eu tenho não dava pra todo mundo fazer bolsas, entendeu? Tem que ir no ferro-velho comprar, porque eles não dão. Tem que procurar o lugar mais barato pra comprar linha.” (comunicação pessoal da participante da pesquisa V., 2004).

“Eu fiz o seguinte, conversei com as meninas e liguei pra uma pessoa que trabalha em uma cooperativa de bolsas e ela ficou de vir e não veio. Eu combinei com ela pra ela estar vindo aqui, pra estar conversando, né? E aí, ela não veio.” (comunicação pessoal da participante da pesquisa L., 2004).

Tais justificativas não parecem ser dadas (ou não só) no sentido da “má-fé” sartriana, como uma tentativa de enganar a si mesmo (Sartre, 1984), mas, sim, pela dificuldade em encontrar um sentido do tentar resolver os problemas para criar a bolsa, o sentido de criar a bolsa. Dessa forma, o sentido de criar uma bolsa, responsabilizar-se por fazer algo que não foi predeterminado, mandado, era também abrir-se para a possibilidade de um “vir-a-ser” trabalhadora de outro modo. Ao aceitarem a bolsa, além de caminharem na direção de lucrarem mais do que normalmente lucrariam, estariam buscando para si algo além do que lhes era oferecido pelos atravessadores. Poderiam criar e vender diretamente seu produto. Isso não mudaria imediatamente a sua vida, elas continuariam a pertencer a esta sociedade, continuariam a ser mulheres de uma comunidade de baixa renda, mas que estavam, de alguma forma “usando a cabeça” (*sic*), ou seja, buscando outras possibilidades para si. Além, é claro, do retorno financeiro.

Entretanto, as cooperadas ficaram presas aos problemas que emergiam e que as paralisavam, tais

como: de que material fazer a bolsa, qual o melhor modelo, quanto custaria, entre outros. A resolução desses problemas era vivida de forma extremamente trabalhosa. Podemos imaginar que trabalhosa, não só em função da tarefa em si, mas também pela exigência de enfrentar a insegurança de todo o processo pelo qual é preciso passar ao se escolher fazer algo que não está predeterminado, que não vem cortado e montado para apenas ser costurado nos lugares indicados.

Portanto, juntamente com o pensamento imediato a respeito dos problemas, há também uma forma de experimentar os acontecimentos como fatos totalmente independentes de quem são e de quem gostariam de ser. É o inverso do total controle das coisas, da crença na causa e efeito da sociedade atual. É seu outro extremo, é a crença de que nada está em seu poder.

O rompimento com esse tipo de apropriação do vivido ocorre, caso se traga à tona o passado e o futuro. Assim, há um curso da história que se quer alterar, há um futuro diferente do passado que se quer e, para que se caminhe nesta direção, é preciso que se procure constituí-lo no agora. Só este nexos mobiliza a busca de estabelecer as relações com os outros de outro modo. É este vínculo, este elo entre o que se viveu e o que se quer para o futuro que parece enfraquecido em vários momentos para elas.

Não que tenhamos controle do mundo, pois, como lembra Arendt (1954), quando iniciamos algo novo não temos como determinar onde exatamente aquele ato dará. Assim, apesar de nossas ações serem feitas para lançar-nos em uma certa direção, nada garante que isso ocorra e nada ocorre exatamente como planejamos, pois as pessoas se fazem no mundo com os outros. Como expõe Critelli, “Quem alguém é não se constitui como um eu individual, pois o quem é um eu coexistente. Assim, no seu ser-no-mundo, a ação de cada homem, porque desdobrada sobre sua possibilidade originária de ser com os outros, não é jamais individual (Critelli, 1996, p. 64).

Entretanto, isso não nos isenta de assumirmos a parte que nos cabe, de reconhecermos-nos como aquele que cuida de si, dos outros, do mundo, e que esse cuidado é feito em uma certa direção. Assim, é inevitável responsabilizarmo-nos pelas escolhas desse sentido no qual nos lançamos.

Portanto, nada garante que, ao fazerem o modelo da bolsa, esta seria aceita pelo cliente, ou que, ao buscarem estabelecer relações respeitadas com os outros e entre elas, cumprindo as regras internas que estabeleceram, comparecendo aos compromissos, como os cursos de qualificação ou reuniões, seriam correspondidas com reciprocidade, enfim, nada é absolutamente certo, mas elas teriam feito um movimento que as lançaria

para uma outra direção na procura por constituir-se de outro modo.

Constituir-se de outro modo, contudo, não aparece como uma possibilidade real, há uma cristalização da forma como se compreendem. Isso fica muito claro em vários momentos na cooperativa, por exemplo, certa vez (logo após a saída da presidente), em que fizemos uma projeção da cooperativa. Perguntamos a elas quanto achariam que poderiam ganhar depois de cinco anos como cooperadas. Nenhuma delas mencionou um valor maior do que um salário mínimo e muitas delas citaram valores ainda mais baixos. Não conseguiram projetar no futuro uma condição de vida melhor do que a que já possuíam, ou seja, sair da condição de pobreza era impensável. Ao conversarmos sobre isso, as respostas iam no sentido de que elas não se viam como pessoas que pudessem ganhar dois ou três salários mínimos.

É claro que tinham a noção da realidade do mercado, da sociedade na qual estavam inseridas, e isso era muito bom, pois não olhavam ingenuamente para a cooperativa como algo que as faria enriquecer. Mas as falas não diziam respeito a apenas isso, também explicitavam uma impossibilidade de se projetarem como alguém que pudesse, por meio de seu trabalho, melhorar sua condição de vida, interromper o curso da completa urgência das necessidades, ou seja, não ser aquele que vive na completa pobreza. Realmente, isso era algo inconcebível.

Há, dessa forma, um sentimento de impossibilidade de projetar-se no futuro de maneira diferente, podendo, com isso, interromper o curso da existência. Assim, essa descrença avigora o pensar imediato e a sedução do conforto do lugar já conhecido por elas, enfraquecendo o vínculo entre os acontecimentos do cotidiano com os projetos futuros, pois estes parecem ser um sonho.

Porém a inquietação está presente a todo momento, há um debater-se entre a forma como se posicionavam no mundo e a procura por fazê-lo diferente. Há uma desconfiança de que as coisas não precisam ser assim; esta em alguns momentos parece como certeza (como no início da cooperativa), em outros momentos parece irreal (como quando não se imaginam ganhando mais que um salário mínimo). Viviam, portanto, um momento no qual experimentavam a desconfiança tanto na possibilidade da ação (do iniciar algo novo) quanto na crença de que o modo de existirem estava plenamente definido.

Portanto, a experiência na cooperativa não passou em “brancas nuvens”; provocou e continua provocando estas mulheres a se debaterem com sua existência, a questionarem suas crenças e a se posicionarem de outra maneira no mundo, mas não estabelece um modo de ser absoluto, pois, para nós, seres humanos, esse

modo nunca é absoluto. Dessa forma, nesse processo identitário, ora estão na segurança da subalternidade, ora estão buscando a autenticidade, além, é claro, de tantas outras possibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação na cooperativa instigou um outro estudo, de doutorado, Calil (2009), cujo problema de pesquisa foi a convocação para a ação das intervenções realizadas pelo grupo de pesquisa. Ação aqui compreendida como a iniciação de algo novo, segundo Arendt (2002).

Nesse estudo foi revista a pesquisa interventiva realizada na cooperativa apresentada neste artigo, entre várias outras pesquisas. Um ponto que parece ser importante compartilhar, diz respeito ao foco da intervenção realizada na cooperativa ser a reflexão. Reflexão aqui entendida como espelhamento e também compreensão (sempre conjunta do pesquisador e das participantes) do que estava ocorrendo, trazendo sofrimento e quais possibilidades de enfrentamento existiam.

Avaliando esta e outras intervenções do grupo de pesquisa, explicitou-se a importância de assumirmos mais radicalmente que como diz Arendt “[...] o ego pensante não é o eu”. Assim, o eu é aquele que quer, que julga, que trabalha, que labora, que age e que pensa, não podendo a identidade, nem o trabalho voltado a ela, estar “ancorada no pensamento” (Arendt, 2002, p. 34). Deste modo, as intervenções não podem privilegiar a reflexão no que se refere a prática psicológica que vise acompanhar e de certo modo auxiliar na iniciação de novos modos de habitar o mundo, tendo como intuito a saída de situações causadoras de sofrimento.

Desta forma, consideramos que para além de uma longa história vivida, não só na pobreza, mas, especialmente, de modo servil e o convite da cooperativa para um modo mais autônomo de se confrontar com a questão, não só econômica, mas existencial de modo geral, exigiria uma intervenção que não privilegiasse a reflexão. Sendo o processo identitário um constante vir a ser, que demanda vários cuidados.

A compreensão é fundamental, mas como lembra Arendt (2002), ainda que esta ilumine para qual destino estamos nos lançando, ela faz parte da Vida Contemplativa e desta forma não possui a textura e as resistências da chamada Vida Ativa. E é a Vida Ativa o lugar da ação, ela se dá entre os homens no mundo.

Assim, por mais que se tenha chegado a compreensão de determinada situação, nesse caso geradora de sofrimento, seu enfrentamento não se dará na contemplação, na vida pensada, mas sim na vida

vivida. Para Arendt, a capacidade humana de romper com a linearidade do tempo, de trazer o inesperado, o improvável, só se manifesta entre os homens, no mundo. Sobre este aspecto a autora lembra que “os homens são livres – diferentemente de possuírem o dom da liberdade – enquanto agem, nem antes, nem depois; pois ser livre e agir são a mesma coisa” (2002, p. 199).

Assim é preciso atentar para uma abertura diante das questões que envolvem a ação, pois, cada demanda vinda das pessoas que atendemos exige de nós diferentes modos de trabalho, sempre pautados na reflexão, mas não reduzidos a ela e que podem trilhar diferentes caminhos, abertos a cuidados do querer, do julgar, do ser entre outros, etc.

REFERÊNCIAS

- Arendt, H. (1988). *Da Revolução*. Brasília: Ática.
- Arendt, H. (2001). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Arendt, H. (2002). *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Calil, S. D. B. W. (2009). *A questão da reflexão e da ação nas práticas psicoeducativas na pesquisa interventiva*. [Tese de Doutorado]. PUC, São Paulo.
- Cortella, M. S. (2000). A exclusão não é uma fatalidade! *Revista UNIFIEO, Osasco, II, 3, 91-93*.
- Critelli, D. M. (1996). *Análítica dos sentidos*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- Freire, P. (1975). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2001). *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Heidegger, M. (1981). *Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Moraes.
- Heidegger, M. (1999). *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Merleau-Ponty. (1990). *Ciências do homem e fenomenologia*. São Paulo: Saraiva.
- Pessoa, F. (1980). *O eu profundo e os outros eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sartre, J.-P. (1984). *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural. (Os pensadores).
- Singer, P., & Souza, A. R. (org.). (2000). *A economia solidária no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Suárez, H. J. (1995). *Modelos de igreja em América Latina contemporânea: la conceptualización de modelo de iglesia em Pablo Richard, para uma lectura em los noventa*. [Dissertação de Doutorado]. PUC, São Paulo.
- Szymanski, H. (org.). (2002). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano.
- Szymanski, H. (2004). *A prática reflexiva em pesquisa com famílias de baixa renda*. São Paulo. (mimeografado)

Recebido em: 31/03/2010. Aceito em: 15/09/2010.

Autoras:

Simone Dalla Barba Walckoff Calil – Doutora em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestre em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004).

Especialista em Psicologia e Saúde pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tem experiência na área de Psicologia Clínica e da Educação, com ênfase em Desenvolvimento Social e da Personalidade, atuando principalmente nos seguintes temas: processo identitário, fenomenologia, pesquisa interventiva; práticas psicoeducativas em comunidades e instituições.

Heloisa Szymanski – Doutorado em educação (psicologia da educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1988. Atualmente é professor titular da pontifícia universidade católica de São Paulo. Publicou 18 artigos em periódicos especializados e 38 trabalhos em anais de eventos. Possui 11 capítulos de livros e 3 livros publicados. possui 38 itens de produção técnica. Participou de 4 eventos no exterior e 40 no Brasil. Orientou 33 dissertações de mestrado e 10 teses de doutorado, além de ter orientado 13 trabalhos de iniciação científica nas áreas de educação e psicologia. Recebeu 1 premio e/ou homenagem. Atualmente

coordena 1 projeto de pesquisa. Atua na área de educação, com ênfase em psicologia educacional. Em suas atividades profissionais interagiu com 43 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos. Em seu currículo lattes os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: família, fenomenologia, pesquisa intervenção, identidade, psicologia da educação, família e educação, praticas educativas, atenção psicoeducacional e creche. <hszymans@puccsp.br>.

Enviar correspondência para:

Simone Dalla Barba Walckoff Calil
Rua Cristiano Vianna, 1089, ap. 102
CEP 05411-002, São Paulo, SP, Brasil
E-mail: <simonewal@ig.com.br>